

ARBOROGRAFIAS

Escrevivências Vegetais

16 JUL 2025

ACTUALIZADO EM

RAÍZES & ROTAS

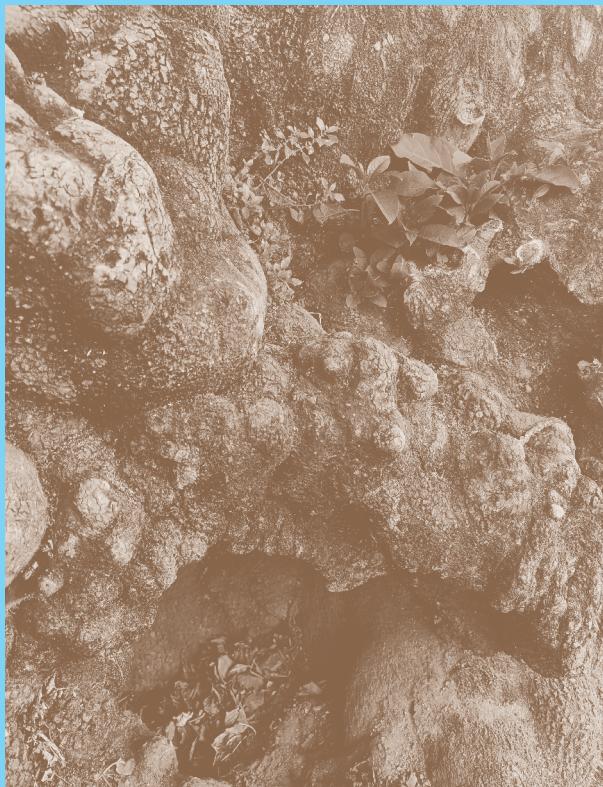
GLOSSÁRIO

Palavras que contribuem para contracolonizar a língua

ARBOROGRAFIAS: ESCRIVÊNCIAS VEGETAIS

BELA-SOMBRA

*Umbu, amiga del gaucho, Caruru guassú,
Phytolacca dioica, Baobab das Pampas*



Largo do Limoeiro, Frame Colectivo, Lisboa, 2025

Conhecida como *Umbu* entre os povos Tupi e Guarani, *Bela-Sombra* é um corpo vegetal dos campos abertos do sul da *Abya Yala*, oriunda do bioma designado pelos povos Aimará e Quéchua como *Pampas*, vastas pradarias subtropicais que se estendem do Rio Grande do Sul ao Uruguai e às províncias centrais da Argentina, cuja vegetação é composta por gramíneas, plantas rasteiras e arbustos que se agrupam em redor dos escassos cursos de água.

O nome *Umbu*, em guarani, significa “vulto” ou “sombra”, já em tupi, é chamada de *Caruru guassú*, que quer dizer “erva gorda gigante”. Na Argentina, é conhecida como *amiga del gaucho*, nome adquirido devido às largas sombras que oferece a quem nela se abriga.

Símbolo recorrente na poesia pampeana, o adjetivo “bela” deriva da sua consagração no imaginário popular como símbolo de abrigo e imponência devido à capacidade de resistência ao fogo e de adaptação a diferentes tipos de solo e condições climáticas.

O nome *Phytolacca dioica*, foi-lhe atribuído em 1762 por Carl Linnaeus, botânico europeu responsável pela sistematização da nomenclatura binomial moderna, na primeira edição da sua obra *Species Plantarum*. A palavra *Phyto* vem do grego, significando planta, e *Lacca* é a forma latinizada de laque, em referência à coloração avermelhada da sua seiva, considerada tóxica. O termo *dioica*, que vem do grego e significa “duas casas”, designa espécies unisexuadas em que os sexos estão separados. Outros nomes que surgem no seu longo registo popular são o de *Baobab das Pampas* ou *Pés de elefante*, talvez evocando esta ligação ancestral entre África e *Abya Yala*.

Nem apenas árvore, nem mera planta, tampouco um simples arbusto, não é possível classificá-la com precisão.

A *Bela-Sombra* situa-se assim como uma espécie fugitiva, que transita e transgride as categorias fixas da botânica. A sua seiva é venenosa; a sua madeira esponjosa e leve; o seu tronco alarga-se como se pulsasse: essa porosidade permite-lhe não apenas armazenar água e resistir às secas, como também afirmar-se como uma aliada na luta contra a desertificação. Devido à sua toxicidade, poucos herbívoros se atrevem a mordê-la, mas ela oferece abrigo a diversas espécies e os seus frutos são comestíveis. As suas folhas e seiva têm aplicações medicinais, podendo ser usadas como laxantes, purgantes e alívio de dores reumáticas ou artrite. A sua cinza, misturada com sal, é dada ao gado para combater carrapatos e outros parasitas.

Em média, a *Bela-Sombra* pode atingir entre 15 e 25 metros de altura, com uma copa ampla, redonda e fresca. Foi introduzida pela primeira vez na Europa por Hernando Colón, filho de Cristóvão Colombo, que plantou exemplares.

Em Lisboa, pode ser vista solitária em alguns jardins e ruas, onde nem sempre há espaço suficiente para o seu crescimento. Sobre as suas raízes brotam vários troncos pequenos que se erguem verticalmente, como se resistisse à solidão. Hoje, no território da sua origem, devido à crescente urbanização, muitas espécies estão em vias de extinção.

BUVA

Conzya bonariensis



Rua das Olarias, Frame Colectivo, Lisboa, 2025

Classificada como erva daninha, taxada de espécie invasora e considerada “a planta mais odiada entre agricultores”, a *Buva*, carrega a marca do desprezo que o sistema agroindustrial impõe às plantas que não consegue controlar nem domesticar. Originária de biomas diversos, como o Cerrado, a Caatinga, os Pampas, as Pradarias, entre outros que compõem a *Abya Yala*, a *Buva* prospera em zonas que historicamente abrigam espécies endémicas e resistentes, adaptadas a ciclos de fogo, vento e solos pobres. Estes territórios, hoje profundamente transformados pelo avanço da

monocultura e do uso intensivo de agroquímicos, conferiram a esta planta a sua força adaptativa e resistência. Além de resistir, a *Buva* prolifera precisamente onde a biodiversidade foi suprimida. Mesmo com o uso repetido de herbicidas danosos como o glifosato ela mantém-se viva. O seu crescimento desafia os próprios limites da biotecnologia e os pressupostos da agricultura industrial. Esta sua resistência a múltiplas classes de herbicidas, já bem documentada, pode ser lida como um sintoma claro da falência do modelo agroquímico dominante mas sobretudo como um ato invicto da natureza.

Encontramos a *Buva* nas bermas das estradas, nas fissuras do asfalto, em terrenos devolutos e nas margens dos campos cultivados, onde é sistematicamente combatida. Do ponto de vista botânico ela pertence ao género *Conyza*, que possui dezenas de espécies reconhecidas, sendo *Conyza bonariensis*, *Conyza canadensis* e *Conyza sumatrensis* as mais comuns em regiões tropicais e subtropicais. Em Portugal, embora estes três géneros estejam presentes, *Conyza bonariensis* é a mais predominante. De crescimento rápido, apresenta folhas pubescentes e inflorescências pouco vistosas, as suas sementes são leves e aerodinâmicas, facilitando a dispersão pelo vento a grandes distâncias. Esta mobilidade ecológica torna a *Buva* uma espécie que ignora fronteiras, sejam elas cercas agrícolas ou diretrizes industriais.

A demonização da *Buva* como “praga”, “espécie invasora”, “prejudicial e indesejável” no contexto agrícola moderno, convida a uma reflexão crítica sobre os próprios termos com que nomeamos e classificamos os seres vivos. As categorias de “espécie invasora” ou “praga” que lhe são atribuídas transportam uma carga normativa e funcionalista, alicerçada em perspectivas antropocêntricas, produtivistas e utilitaristas, que ignoram tanto a complexidade das interacções ecológicas como a historicidade dos ambientes transformados por práticas humanas. Atribuir à *Buva* o estatuto de inimiga ou elemento a ser erradicado mobiliza lógicas de exclusão que ecoam dispositivos coloniais de controle da vida e do território, lógicas essas que uma ecologia decolonial se propõe justamente a desmontar.

Apesar desta demonização e do apagamento sistemático dos conhecimentos populares a ela associados, a *Buva* conserva um importante repertório de usos tradicionais. Em diversas regiões de *Abya Yala*, é conhecida pelas suas propriedades medicinais: anti-inflamatórias, digestivas e cicatrizantes. Utiliza-se em infusões para tratar dores de estômago, gripes e febres, ou aplicada topicalmente para acelerar a cicatrização de feridas. Em tempos de escassez, as suas folhas são também consumidas cozidas, como verduras, sendo também valorizadas por outros usos nutricionais na gastronomia.

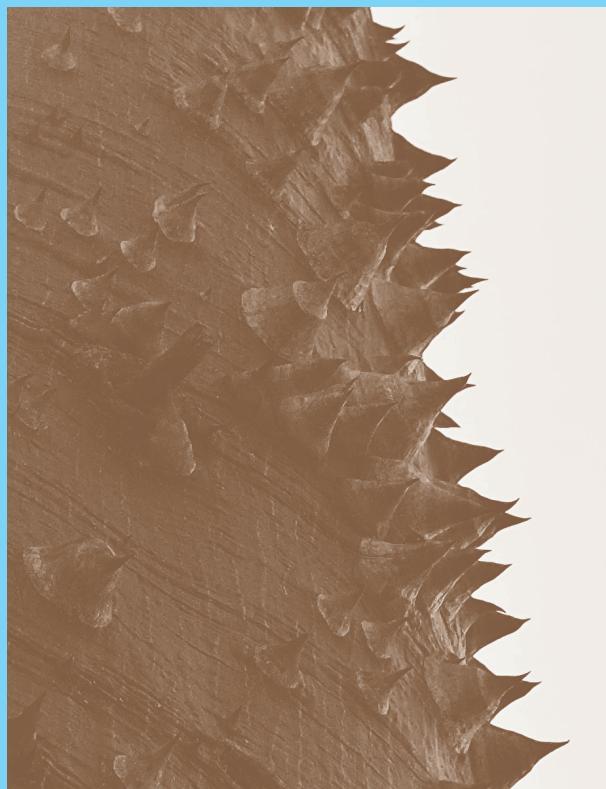
A sua actual dispersão global, presente hoje em praticamente todos os continentes, pode também ser lida como um fenômeno político. A *Buva* acompanha as rotas do extrativismo contemporâneo. Surge onde se planta soja transgénica, milho híbrido, algodão intensivo e onde o solo foi exaurido pela agroindústria. Cresce onde houve desmatamento, onde a monocultura tentou instaurar uma ordem economicista e homogénea. A *Buva* ocupa essas brechas como uma contra-narrativa à da monocultura.

O seu florescimento em zonas degradadas faz-nos repensar dicotomias como cultivo e espontaneidade, planta útil e praga, alimento e erva. E convida-nos, também, a imaginar uma agricultura mais atenta às linguagens silenciosas das plantas. A *Buva* reaparece

como sinal de que há vida mesmo no rastro da destruição, e que toda a exclusão vegetal é também um ato político.

CEIBA SPECIOSA

Árbol botella, árvore-bêbada, árvore da lã, árvore do poente, samohú, toborochi, lupuna fêmea, paineira, barriguda, barriguda-de-espinho



Jardim Botânico Tropical, Frame Colectivo, Lisboa, 2025

Popularmente conhecida como paineira, palo borracho ou árvore da ponte, *Ceiba speciosa* é uma árvore nativa dos biomas tropicais e subtropicais da *Abya Yala* do Sul, sobretudo das regiões que hoje correspondem ao Brasil, Argentina, Paraguai, Bolívia e Peru. Encontra-se, com frequência, no bioma Cerrado, associada a solos de média e alta fertilidade.

Conhecida pelo tronco espinhoso e pela base inchada em forma de garrafa ou ânfora, é por vezes chamada de *árbol botella* ou “árvore-bêbada” mas possui vários outros nomes, como árvore da lã, árvore do poente, samohú (do guarani *samu'ü*), toborochi na Bolívia, que pode significar “árvore do refúgio” ou “árvore grávida”, e *lupuna fêmea* no Peru. No Brasil, é também chamada de paineira, barriguda ou barriguda-de-espinho.

Pertence à família *Malvaceae*, a mesma dos baobás africanos e das kapok asiáticas, como se partilhassem de uma mesma linhagem ancestral que combina imponência e simbolismo sagrado. Foi originalmente descrita como *Chorisia speciosa* pelo botânico francês Auguste de Saint-Hilaire, no século XIX a partir do Brasil. Introduzida na Europa por volta de 1824, teve sua primeira floração documentada em Lisboa, no Jardim Botânico, em 1888. Imponente na paisagem, pode alcançar até vinte metros de altura. O seu tronco espesso, curvado e coberto de espinhos cónicos lembra lapas fixadas às rochas ou um mecanismo de defesa. Esses espinhos protegem-na contra animais trepadores, mas também evocam a dualidade da árvore: aquela que oferece beleza e abrigo também sabe proteger-se.

Na juventude, o tronco apresenta um verde fotossintético vibrante que escurece com o tempo, adquirindo

aspereza e rugosidade como no rosto e corpo de uma anciã. As flores hermafroditas surgem em sinos de cinco pétalas, num rosa vivo que desafia o cinza dos dias frios. São fonte de néctar e pólen para abelhas, borboletas, beija-flores e morcegos nectarívoros. Essa relação com os seres alados é chamada em alguns lugares de “árvore dos pássaros”. Nos primeiros anos, são apenas eles que conseguem tocá-la, pois os espinhos não permitem aproximação senão pelo ar.

Os frutos que se seguem guardam a célebre paina: uma fibra branca, leve como algodão, que envolve as sementes e permite sua dispersão pelo vento, mesmo que por distâncias curtas. Essa paina foi amplamente utilizada para enchimentos, almofadas, isolamento térmico e até coletes salva-vidas. A madeira leve e de rápido crescimento é valorizada no artesanato, na fabricação de brinquedos, caixas, móveis simples e até canoas, comedouros para animais e esculturas. A seiva, a casca e até as folhas jovens encontram uso na medicina popular e na culinária tradicional.

Sob a perspectiva ambiental, *Ceiba speciosa* é uma espécie de grande relevância ecológica. O seu fácil cultivo e crescimento acelerado fazem dela uma aliada importante em projetos de recuperação de áreas degradadas. Sua alta capacidade de fixar carbono atmosférico a torna uma alternativa eficiente para ações de mitigação das mudanças climáticas.

Mas, para além das utilidades práticas, a *ceiba* carrega profundo simbolismo ancestral. Para muitos povos indígenas da América Latina, representa o eixo do mundo uma ponte entre céu e terra, entre o visível e o invisível e, por isso, é frequentemente plantada em praças, cemitérios, escolas e espaços públicos, como um totem vivo da espiritualidade silenciosa que cresce para cima, em direção ao sagrado.

Entre o povo Guarani da Bolívia, a árvore está associada à fertilidade e à proteção da vida. Segundo a tradição, a filha de um cacique casou-se com o deus Colibri e deu à luz um filho que derrotou os espíritos malignos. Em vingança, esses espíritos mataram uma mulher grávida. Durante a fuga, ela escondeu-se em uma árvore toborochi, onde deu à luz antes de morrer. Desde então, uma vez por ano, a mãe se revela em vibrantes cachos de flores rosadas que brotam do toborochi. Os beija-flores que pairam sobre essas flores simbolizam sua contínua ligação com Colibri, o deus-esposo.

Em Portugal, encontra-se espalhada por várias partes da cidade de Lisboa, incluindo o Parque Eduardo VII, o Jardim Botânico da Ajuda, o Jardim Botânico Tropical, o Jardim Botânico de Lisboa, a Praça da Alegria, entre outros espaços públicos.

CIPRESTE

Cupressus



Jardim do Príncipe Real, Frame Colectivo, Lisboa, 2025

A palavra “cipreste” tem origem no grego *kyparissos*, que originou o termo latino *Cupressus*, nome científico deste género. Acredita-se que o termo *Cupressus* pode também derivar de *Cyprus* (Chipre), uma vez que a árvore é nativa da região do Mediterrâneo oriental, especialmente daquela ilha. O epíteto *semprevirens*, do latim, significa “sempre verde”, em referência à sua folhagem perene.

Pertencente à família *Cupressaceae*, o cipreste é uma árvore conífera de folha persistente, frequentemente associada a contextos históricos, culturais e simbólicos que ultrapassam a sua função ornamental ou utilitária. É conhecido popularmente em Portugal como “ciprestes-dos-cemitérios”, pois a sua copa afilada e ereta remete à ideia de uma seta apontando para o céu, o que simbolicamente representa a elevação da alma. Entretanto, muito antes da sua associação a ambientes fúnebres, o cipreste era cultivado em quintas e casas da elite, especialmente no Vale do Douro, como símbolo de distinção, proteção e nobreza.

O cipreste pode atingir 25 a 30 metros de altura, com copa cónica e densa, folhagem de cor verde-escura e tronco acinzentado e estriado. É uma espécie monoica, cujos frutos, as pinhas, medem entre 3 e 4 centímetros, tornam-se castanhas ao amadurecer e contêm sementes aladas que alimentam diversas espécies animais. A sua casca é composta por placas ou tiras finas, de cor castanho-acinzentada, podendo ser removida em alguns casos. As folhas adultas, dispostas em pares opostos, possuem forma de escama, aroma intenso e glândulas produtoras de óleo essencial.

Originário da região mediterrânea oriental, o cipreste é amplamente cultivado desde a Antiguidade. Está adaptado a climas secos e quentes, tolera temperaturas extremas, resiste bem à seca e pode crescer em quase todos os tipos de solo. Essa resistência, aliada à sua longevidade, conferiu-lhe estatuto simbólico em muitas culturas: árvore dos deuses, dos mortos e dos segredos.

No entanto, exige boa exposição solar e é ideal para zonas áridas e encostas.

Graças às suas raízes profundas, ajuda a prevenir a erosão do solo e atua como barreira natural contra ventos e tempestades. A sua copa densa oferece abrigo e alimento para a fauna, contribuindo para o equilíbrio ecológico.

A sua madeira, fina, amarelada, aromática e resistente é altamente valorizada na marcenaria, carpintaria, escultura, construção civil e naval. Durável e resinosa, foi historicamente utilizada na construção de templos, móveis, instrumentos musicais, sarcófagos egípcios, e, segundo os imaginários religiosos, até na Arca de Noé, no Templo de Salomão e na frota naval otomana.

As pinhas e a casca, ricas em taninos, foram utilizadas na medicina popular para tratar diversos problemas de saúde. O óleo essencial de cipreste, extraído principalmente da espécie *Cupressus sempervirens*, possui propriedades adstringentes, anti espasmódicas, relaxantes e purificadoras, sendo utilizado em cosméticos, fitoterapia e aromaterapia.

O cipreste tem sido, ao longo da história, um símbolo de vida eterna e luto em muitas culturas. Na mitologia grega, o jovem Kyparissos, tomado pela dor após matar acidentalmente o veado sagrado, foi transformado num cipreste por Apolo. Assim, a árvore passou a simbolizar o luto eterno e a ligação com o mundo dos mortos. Esta associação foi reforçada nas tradições romanas, cristãs e muçulmanas. Plantar ciprestes em cemitérios tornou-se um hábito comum na Europa desde a Antiguidade.

Contudo, essa simbologia de imortalidade também possui um reverso histórico: durante o período colonial, o cipreste foi exportado para territórios ultramarinos como marca da paisagem “civilizada”, árvore fronteiriça usada para delimitar quintas, conventos e cemitérios, afirmado uma visão eurocêntrica do espaço e da ordem.

A árvore também carrega, no entanto, significados de resistência, proteção e espiritualidade.

Em Portugal, plenamente integrado na paisagem, nos parques, jardins, propriedades rurais e cemitérios, o cipreste convida-nos a pensar não só na beleza e utilidade desta árvore resistente, mas também nas camadas de memória que ela transporta. Como outras espécies exógenas, o cipreste participa de uma ecologia emocional, afetiva e política que nos faz refletir sobre o modo como habitamos o território, e sobre que árvores, símbolos e afetos decidimos perpetuar ou questionar.

Seja nos jardins urbanos, nas encostas mediterrânicas ou nos campos sagrados da memória, o cipreste permanece sempre verde, sempre presente.

DRAGOEIRO

Dracaena



Jardim Botânico Tropical, Frame Colectivo, Lisboa, 2025

Nativo da região biogeográfica atlântica da Macaronésia, o dragoeiro encontra-se distribuído por biomas áridos e subtropicais dos arquipélagos das Canárias, Madeira, Açores e Cabo Verde, assim como por zonas costeiras do sudoeste de Marrocos. Esta distribuição reflete uma complexa história evolutiva e de dispersão, iniciada no Pleistoceno, época geológica marcada por intensas alterações climáticas e geográficas que favoreceram processos de diferenciação e isolamento de espécies. Pertence à família Asparagaceae, que compreende cerca de 118 géneros e pouco mais de 3100 espécies, entre as quais a agave e o sisal.

Com uma forma arborescente, o dragoeiro assemelha-se a uma árvore, embora não o seja, o seu caule não possui anéis de crescimento nem é constituído por madeira verdadeira, aproximando-se mais das palmeiras. O nome científico *Dracaena* deriva do grego *drakaina*, que significa “dragão fêmea”, evocando o imaginário mitológico que envolve esta planta e a sua resina, frequentemente associada a propriedades curativas e místicas. Ao longo do tempo, o dragoeiro tornou-se símbolo de longevidade, força e resistência, presente não apenas na flora endémica, mas também na cultura simbólica e tradicional dos arquipélagos atlânticos.

Essa resiliência manifesta-se na sua notável capacidade de adaptação a condições ambientais adversas: cresce lentamente em zonas áridas, rochosas e de solos pobres, resistindo a climas secos e ventosos. A sua presença em habitats costeiros ou montanhosos demonstra essa adaptabilidade, mas também revela a sua vulnerabilidade: apesar da longevidade, podendo em alguns casos ultrapassar os 800 anos, o dragoeiro encontra-se atualmente em perigo no estado selvagem, sobretudo devido à fragmentação e destruição do seu habitat natural.

A pressão humana, nomeadamente através da introdução e cultivo ornamental, parece ter contribuído para a sua dispersão fora das áreas originais, no entanto,

essa intervenção pode também ter interferido nos processos naturais de evolução e isolamento genético das populações selvagens.

Entre as suas características mais singulares está a produção de uma seiva resinosa que, em contacto com o ar, oxida e adquire uma coloração vermelha intensa. Esta substância, conhecida como “sangue de dragão”, deu origem ao seu nome popular e possui uma longa tradição de uso medicinal, tintureiro e simbólico. Desde o século XV, o produto, ao lado de outras matérias-primas tintureiras, figurava entre os recursos vegetais de maior valor no comércio externo do império português, especialmente nas rotas atlânticas a partir de Kabuverdi.

No Jardim Botânico de Lisboa, faz parte da coleção de espécies atlânticas reunidas durante o período colonial, quando os jardins botânicos funcionavam como espaços de estudo, aclimatação e exibição de plantas oriundas dos territórios ultramarinos.

FIGUEIRA ESTRANGULADORA

Ficus macrophylla, *dhiil*, Moreton Bay fig, Australian banyan, figueira dos amores



Jardim Botânico Tropical, Frame Colectivo, Lisboa, 2025

Nascida nas zonas húmidas das florestas subtropicais da Austrália e da Nova Guiné, a *Ficus macrophylla* é uma árvore de presenças e nomes múltiplos. Conhecida como figueira estranguladora, árvore da borracha australiana, figueira dos amores ou simplesmente figueira da Austrália, cada designação revela uma faceta da sua biografia plural, botânica, ecológica, simbólica, afetiva e espiritual. Para os povos aborígenes Yuwaalaraay, que coabitam o leste australiano junto ao rio Namoi, e cuja língua é o Gamilaraay, é conhecida como *dhiil*, que significa “árvore sagrada”, designação que reflete o respeito e a conexão espiritual que essas comunidades mantêm com as grandes figueiras, vistas como ancestrais vivas, abrigo de espíritos e centros de saber.

O nome *Moreton Bay fig* faz referência à baía de Moreton, em Queensland, região onde cresce em abundância e onde terá sido observada e descrita pela

primeira vez por naturalistas europeus. A designação *Australian banyan* foi-lhe atribuída por analogia com as figueiras-do-banyan da Ásia, com as quais partilha a morfologia e o hábito de crescimento aéreo. Por sua vez, o nome figueira-estranguladora, comum a várias espécies tropicais do género *Ficus*, deve-se ao seu comportamento epífito estrangulador.

Uma das suas particularidades mais marcantes são as raízes aéreas quais asas que crescem verticalmente, como se procurassem outras dimensões, ou uma profundidade que não é apenas terrena. Ela germina nos ramos altos de outras árvores, longe do solo, como quem quer beber o céu antes de tocar o chão. Mais tarde, essas raízes descem em direção à terra, num processo vivo de fazer-terra. Quando tocam o solo, engrossam, ganham força, envolvem o tronco da hospedeira e, por vezes, acabam por substituí-la. Esta forma de vida epífita, que lhe valeu a fama de estranguladora, revela a complexidade da existência como luta pelo território, pela luz e pela água. Trata-se de uma sobrevivência que se emaranha num conjunto de vidas para confluir e transfluir.

Em Portugal, onde foi eleita árvore portuguesa do ano 2025, é também conhecida como figueira dos amores, em referência ao seu enraizamento junto à Fonte dos Amores, em Coimbra. De porte monumental, este imenso organismo pertence à família *Moraceae*, a mesma das amoreiras composta por cerca de 30 géneros e mais de 1.100 espécies, incluindo árvores, arbustos, trepadeiras e algumas herbáceas. Os seus frutos, os figos, são estruturas especiais que encerram, num invólucro carnoso, múltiplas flores internas. O tronco segregá latex, um líquido leitoso com propriedades medicinais e simbólicas, muito explorado no contexto colonial.

As folhas largas denunciam a origem do seu nome científico: *macrophylla*, do grego *makros*, significando grande e *phylion*, folha. A copa densa estende-se por dezenas de metros e retém a umidade como uma membrana viva. Por entre os seus ramos florescem pequenos ecossistemas urbanos: aves que nela pousam para fazer ninho e confiar os seus ovos, musgos, insectos e fungos que encontram abrigo e alimento nesta contra-arquitectura biológica.

Embora cultivada hoje sobretudo para fins ornamentais, há registos antigos e contemporâneos do uso medicinal de partes desta figueira, como é comum noutras espécies de *Ficus*: resinas com propriedades cicatrizantes, folhas usadas em decocções para tratar inflamações, febres ou dores. Durante a era colonial, muitas espécies de *Ficus* foram associadas ao extrativismo do latex e à bioprospecção de saberes indígenas.

Em Lisboa, os exemplares centenários da *Ficus macrophylla* encontram-se no Príncipe Real, no Jardim Botânico da Ajuda, no Largo do Rato, em Belém ou no Jardim Tropical entre outros espaços onde foram introduzidos por botânicos ligados aos circuitos científicos e coloniais do século XIX embora a sua classificação date de 1970. O Jardim Botânico da Universidade de Lisboa guarda ainda testemunhos vivos desse tempo em que o império trazia sementes e saberes do sul global para a capital atlântica.

Hoje, a sua presença, simultaneamente natural e construída, liga passado e presente, império e ecologia, paisagem e afecto. Resistindo a tudo, a Figueira estranguladora mostra que por mais que se possa capturar uma semente ou determinar o local de nascimento de uma árvore, não se pode controlar as raízes e suas rotas.

Av. Duque de Ávila, Frame Colectivo, Lisboa, 2025

JACARANDÁ

Jacaranda mimosifolia, y-acã-ratã, ya'kãg rã'ta



Trazidos do Brasil por iniciativa do Jardim Botânico da Ajuda, sob direção do botânico Félix de Avelar Brotero e introduzidos em Portugal ainda enquanto sementes no início do século XIX, os jacarandás são originários dos biomas do sul da *Abya Yala*, nomeadamente da Argentina, Bolívia, Paraguai, Uruguai e sul do Brasil. Crescem no Chaco seco, nas savanas inundáveis e nos Yungas Andinos do sul, nos contrafortes orientais e vales interandinos até altitudes de 2.600 metros. Circadiano por excelência, na medida em que exige pleno sol e dias longos, pertence à família das *Bignoniaceae*, que compreende cerca de 650 espécies de árvores e trepadeiras tropicais e temperadas. O género *Jacaranda* inclui cerca de 50 espécies e seis subespécies, sendo a *Jacaranda mimosifolia* a mais conhecida e amplamente cultivada.

A *Jacaranda mimosifolia* é uma árvore de porte médio, com copa ampla e arredondada, folhas compostas bipinadas e delicadas flores em tons lilases a azul-violeta que surgem em cachos densos, especialmente na primavera.

O nome jacarandá provém do tupi-guarani e, segundo algumas interpretações, significaria “perfumado”, no entanto, outras etimologias apontam para as expressões *y-acã-ratã*, que significa “miolo ou essência da madeira”, a parte mais dura e valorizada da árvore, e *ya'kãg rã'ta*, que se traduz como “cabeça dura”. A espécie foi descrita pela primeira vez em 1753, em *A supplement to Mr. Chambers's Cyclopædia*, onde a sua madeira, então confundida com campeche, era utilizada tanto no tingimento, quanto na medicina. É uma das poucas árvores cujo nome comum se manteve praticamente inalterado em diversas línguas, evidenciando a sua singularidade e fascínio geral.

No seu bioma de origem, que inclui a Mata Atlântica e os Yungas Andinos, o jacarandá encontra-se ameaçado pela destruição do habitat causada por desmatamento, expansão agrícola, exploração madeireira intensiva e crescente urbanização, fatores que levaram à sua classificação como vulnerável. Ao mesmo tempo,

é considerado uma espécie invasora em regiões como Austrália e África do Sul, onde pode competir com espécies nativas. Em Pretória, capital administrativa da nação arco-íris, o jacarandá é tão predominante que a cidade é conhecida como “Cidade Jacarandá”, com milhares de árvores colorindo o espaço urbano. Apesar da pressão ambiental contra espécies alóctones, a popularidade da árvore levou o governo sul-africano a permitir o seu plantio em áreas urbanas após uma breve proibição nos anos 2000.

Em termos de usos económicos, o jacarandá foi amplamente explorado ao longo dos tempos: a madeira, compacta, resistente e duradoura, foi utilizada na carpintaria e marcenaria e, durante o período colonial, especialmente valorizada na confecção de instrumentos musicais, como violino e pianos, devido à sua qualidade tonal e ressonância singular. Também conhecida como “pau rosa”, essa madeira era igualmente usada para produzir móveis de luxo que ornamentavam as cortes europeias.

Além da sua beleza, o jacarandá é resistente à poluição, adaptável a solos pobres e apreciado tanto pelo valor ornamental, quanto pela madeira leve e fácil de trabalhar. Contudo, em muitas regiões, é cultivado principalmente pelo esplendor da floração. De forma geral, as folhas e frutos foram aplicados tradicionalmente na medicina para cicatrizar chagas e pequenas feridas. Quanto aos seus frutos, surgem simultaneamente com o florescimento e manifestam-se como pequenas vagens arredondadas, castanhas e lisas, medindo até 6 centímetros. Ao amadurecer, abrem-se para liberar sementes em forma de coração, com pequenas membranas que funcionam como asas, lembrando castanholas.

O jacarandá revela-se também como recurso terapêutico na ecoterapia, uma abordagem que valoriza o contacto com a natureza para favorecer o equilíbrio emocional. A intensidade roxa das suas flores associa-se a sentimentos de tranquilidade e espiritualidade, conferindo-lhe um papel relevante em ambientes dedicados ao bem-estar e autocuidado.

Do ponto de vista ambiental, o jacarandá destaca-se pelo seu crescimento rápido e copa ampla, características que ajudam a amenizar as ilhas de calor urbanas e a melhorar a qualidade do ar, ao capturar dióxido de carbono e libertar oxigénio. Em Lisboa, a sua floração, embora breve, transforma ruas e praças numa paleta de tons lilases, imprimindo à cidade uma atmosfera serena e envolvente.

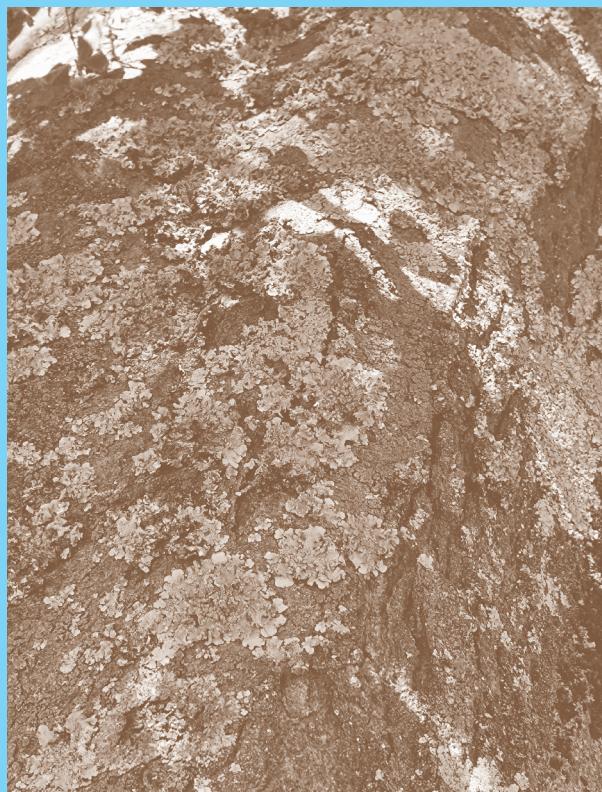
A chegada do jacarandá a Portugal antecedeu o regresso da Corte Portuguesa do Brasil, numa época em que os pigmentos de tons azuis eram especialmente valorizados. Para a realeza, esta árvore simbolizava não apenas exotismo, mas também o domínio sobre terras distantes, funcionando como um emblema de poder e posse. Esta relação revela como o jacarandá, enquanto elemento vegetal foi apropriado e instrumentalizado no discurso imperial para afirmar o poder e a posse, refletindo as dinâmicas de exploração e controle próprias do sistema imperial e colonial português.

Hoje, em Lisboa, mais do que simples elementos paisagísticos, os jacarandás são autênticos catalisadores de afetos. Anunciam o verão com sua floração, moldam a memória coletiva da cidade e despertam emoções sazonais. Espalhados por avenidas, jardins e miradouros, a sua presença não é apenas ornamental, mas também cultural, emocional e ambiental, integrando história, botânica e tradição num símbolo vivo que conecta

diferentes linhas temporais. A sua presença convida-nos a refletir sobre as complexidades de um “habitar”, onde a estética vegetal se emaranha em afetos, muitas vezes, também coloniais.

LÓDÃO

Celtis australis, lódão-bastardo, lodoceiro, agreira, nicreiro, ginginha-do-rei, nettle tree



O Lódão é uma árvore nativa do bioma mediterrânico, com raízes no norte de África, no sul da Europa e sudoeste da Ásia, não obstante o seu nome científico, *Celtis australis*. Na Península Ibérica, encontra-se tanto em estado espontâneo como cultivado em meio urbano ruas, praças e jardins, onde é conhecido por diversos nomes; lódão-bastardo, lodoceiro, agreira, nicreiro ou ginginha-do-rei, numa alusão aos seus pequenos frutos escuros que recordam ginjas, ainda que menos carnosos.

Pertencente à família *Cannabaceae*, trata-se de uma árvore caducifólia, emblemática dos climas mediterrânicos, capaz de viver até 800 anos. Cresce com imponência, desenvolvendo uma copa ampla e arredondada, que pode atingir entre 15 a 25 metros de altura, chegando, em condições ideais, aos 30 metros. O seu tronco é espesso, de casca cinzenta e levemente protuberante. As folhas dispostas são ovais, rugosas, com base assimétrica e três nervuras bem vincadas, uma morfologia que lhe vale, em inglês, o nome de *nettle tree*, ou “árvore-urtiga”.

Os seus frutos adocicados são comestíveis, conhecidos como microcoleus e muito apreciados por aves e insetos. Esses frutos têm sido usados na culinária de diversas formas, mas também como cosméticos. O lódão distingue-se também pela sua resistência ecológica na medida em que sobrevive a poluição atmosférica, acumulando metais pesados nas raízes e folhas sem comprometer a sua vitalidade. Esta resistência torna-o um aliado potencial e potente face às alterações climáticas. Adapta-se a solos pobres e bem drenados, requer pouca manutenção e resiste ao calor, ao vento e aos ataques de insetos,

características que justificam a sua popularidade como árvore urbana em várias regiões mediterrânicas e atlânticas.

A sua madeira clara, densa e flexível foi, durante séculos, valorizada na produção artesanal de bastões, instrumentos musicais, utensílios agrícolas entre outros. As folhas chegaram a ser usadas como forragem e a casca para tinturaria, produzindo tons ocres.

Embora pouco explorados do ponto de vista medicinal, estudos indicam que os seus frutos e folhas são ricos em flavonoides, fibras, proteínas, vitaminas e pigmentos antioxidantes além de ter propriedades antimicrobianas e antifúngicas. Do ponto de vista ecológico, o lódão oferece abrigo e alimento a várias espécies de insetos, como borboletas e mariposas. Em ambientes degradados, pode atuar como bioindicador, suportando cargas elevadas de poluentes sem colapsar.

Apesar da sua crescente presença em meio urbano, a espécie tem registado um declínio na Europa ao longo do século XX, resultado do abandono de usos tradicionais, vulnerabilidade a pragas e doenças como fitoplasmas e térmitas que atacam troncos envelhecidos. Não é apenas pela madeira, pelos frutos ou pela sombra que o lódão se revela valioso, mas pela memória viva que sustenta, atravessando gerações.

Bela Sombra

http://nature.jardin.free.fr/arbre/nmauric_phytolacca.html
<https://jardim.uac.pt/phytolacca-dioica-l/>
<https://www.biodiversity4all.org/taxa/129582-Phytolacca-dioica>

Dragoeiro

<https://wilder.pt/diversoes/o-que-procurar-no-outono-o-drageiro>
<https://florestas.pt/descobrir/drageiro-a-espécie-e-o-mais-antigo-sangue-de-dragao-em-lisboa/>

Buva

<http://www.matosdecomer.com.br/2014/09/o-tempo-mais-odiado-do-mundo.html>
<https://nutriacaodesafras.com.br/buva-planta-daninha>
<https://hortodidatico.ufsc.br/category/banco-de-plantas/b/chrome-extension://efaidnbmnnibnpcajpcgkclclefindmkaj/>
<https://cointer.institutovd.org/smart/2020/pdvagro/uploads/3545.pdf>

Cipreste

<https://gulbenkian.pt/jardim/garden-flora/cipreste/>
<https://sites.unipampa.edu.br/programaarborizacao/cipreste/>
<https://www.cm-guimarães.pt/rotada-biodiversidade-do-monte-latito-biodiversity-route-of-the-latito-hill-visite-a-rota-da-biodiversidade-visit-the-biodiversity-route/cipreste-comum-mediterranean-cypress>
<https://pt.wikipedia.org/wiki/Jacaranda>
<https://amensagem.pt/2025/03/25/jacarandas-arvores-lisboa-origem/>
<https://www.nit.pt/fora-de-casa-na-cidade/a-curiosa-historia-das-jacarandas-as-arvores-que-invadem-lisboa-todas-as-primaveras>
<https://amensagem.pt/2025/03/25/jacarandas-arvores-lisboa-origem/>
<https://lojahuqvarna.pt/blog/fichas-jacaranda/>
<https://florestas.pt/descobrir/arvores-e-plantas-exoticas-ha-muito-tempo-entre-nos/>
<https://thewanderertribe.com.pt/jacarandas-em-flor-em-lisboa/>

Lodão

<https://gulbenkian.pt/jardim/garden-flora/lodao-bastardo/>
<https://gulbenkian.pt/jardim/garden-flora/lodao-bastardo/>
<https://www.florestast.net/lodao-bastardo-celtis-australis>

GLOSSÁRIO

RAÍZES E ROTAS

Palavras que contribuem para contracolonizar a língua

VERBETES

[A]

Abstração civilizatória: modo de viver homogeneizado contemporaneamente em que existe uma distância colocada entre as pessoas e a natureza, bem como entre as pessoas e suas possibilidades de experimentações autênticas e naturais, fundamentado pela atual dependência ao consumo e pela perda de conexão com a terra e seus ciclos.

Termo cunhado pelo ambientalista, filósofo e líder comunitário brasileiro Ailton Krenak

Afasia colonial: negação da comunidade europeia em responder às violências ainda presentes produzidas desde o contexto da colonização.

Termo cunhado pela professora e antropóloga estadunidense Ann Laura Stoler

Aldeia: território de comunidade tradicional e ancestral que vive segundo um conjunto de valores, dinâmicas, línguas e crenças originárias ao espaço em que compartilham.

Artesanato: ao contrário das lógicas de produção industriais e massivas, o artesanato reconhece o ofício do artesão, manual, cuidadoso, cujo tempo de confecção acompanha o ritmo das mãos.

Afro-pindorâmico: termo identitário que conforma a resistência ao habitar colonial a partir da união das cosmo-sensações ancestrais das culturas africanas e dos povos originários do Brasil.

Termo cunhado pelo filósofo, escritor e líder quilombola Antônio Bispo dos Santos

América: perspectiva que considera as tradições das comunidades negras e indígenas na formação política e cultural do Brasil e da América Latina.

Termo cunhado pela antropóloga mineira Lélia González

[C]

Contracolonialidade: tentativa de desmontar as opressões vivenciadas pelas sociedades desde a invasão de colonizadores em territórios habitados por povos afropindorâmicos.

Cosmopolítica: perspectiva que elogia a diferença entre as identidades dos povos e, por isso, considera seus modos de vida como forma preponderante para a resolução de problemas, colocando a ciência, dada como explicação única e hegemônica, em questionamento.

Termo cunhado pela filósofa e historiadora belga Isabelle Stengers

[D]

Decolonização: processo no qual um território, seu povo e respectiva cultura se emancipam do país que detinha, até então, o seu domínio, buscando não apenas independência política, como também recuperação total da sua soberania.

Diáspora: migração e dispersão de um povo do seu território tradicional, que, embora distante fisicamente, segue praticando tradições, saberes, constituindo-se como comunidade e estabelecendo laços culturais identitários como forma de habitar.

Djeli ou Djidiu: é aquele que resguarda sabedorias ancestrais e as difunde de geração em geração por meio das oralidades: histórias, músicas, modos de fazer e de habitar.

Djunta-mô: muito usada em comunidades rurais kabuverdianas, é uma resposta prática e afetiva à precariedade material, significa “juntar as mãos”, gesto abrange a solidariedade ativa, ajuda e compreensão mútua, seja para o cultivo de terra, construção de casas, apoio financeiro ou atos fúnebres.

[E]

Encruzilhada: caminhos que se cruzam, território de Exu, entidade de religiões afro-diaspóricas, que sugere a possibilidade e a pluralidade de outros caminhos, questionando a perspectiva única dos saberes hegemônicos e coloniais.

Escassez: resultado de práticas coloniais e das reproduções sistêmicas ocidentais que criam a sensação de escassez uma vez produzida a inacessibilidade a recursos naturais e básicos, através da exploração e da acumulação. Ou seja, a relação harmoniosa com a terra, que proporciona tudo o que é necessário e a todos, com que vivem comunidades ancestrais, poderia ser a própria desconstrução da escassez global.

Esperançar: diferente de esperança, que sugere a espera, o verbo sugere o movimento enquanto luta coletiva e popular com o intuito de se constituir uma sociedade melhor, mais digna, equilibrada e com igualdade de oportunidades e direitos.

Termo cunhado pelo educador e filósofo recifense Paulo Freire

Espiralar: noção de tempo que se distingue da organização temporal linear e sequencial ocidental e considera outros modos de experimentar a temporalidade, assim como suas formas de registro, não pela escrita, mas pela voz, de forma cíclica.

Termo cunhado pela professora, poeta e dramaturga carioca Leda Maria Martins

Etnia: noção antropológica e social que considera fatores históricos, culturais, linguísticos, religiosos e geográficos para designar e identificar um grupo de pessoas que os têm em comum e vive a partir dos mesmos. Seu uso homogeneizante desvela processos de estereotipação e racialização.

Extrativismo: exploração de recursos de outrem para benefício próprio, sem que haja qualquer relação de compartilhamento. No período colonial, isso se dava a partir de recursos naturais – seres vivos, vegetais, minerais, animais e humanos – cujo objetivo único era prosperar a economia da metrópole. Hoje isso se dá enquanto reprodução da mesma lógica de opressão, ainda que não estejam designadas colônias e metrópoles.

[F]

Fronteira: ao contrário de limite ou barreira, seria um território fluído, aberto para que saberes e culturas pudessem se conectar, se transformar e confluir em relação mutualística, um espaço de encontro.

[G]

Germinar: é mesmo como semear sementes que podem se tornar frutos, mas com ênfase nas culturas dos povos quilombolas, ou seja, disseminar, fortalecer, fazer com que esses saberes sejam frutos e que cheguem em muitos territórios, levando a biointeração como forma de habitar o mundo.

Termo cunhado pelo filósofo, escritor e líder quilombola Antônio Bispo dos Santos

Glotocídio: prática em que se elimina sistematicamente uma língua e todas as respectivas possibilidades de diversidade linguística intrínsecas a ela a partir de um processo concomitante de genocídio.

[O]

Oralitude: um elogio à transmissão de saberes por meio da oralidade em contraposição à escrita, compreendida, muitas vezes, como manifestação e fonte oficial de conhecimento.

Termo cunhado pela professora, poeta e dramaturga carioca Leda Maria Martins

[P]

Palavras germinantes: palavras que, quando usadas, podem ser sementes para novas ideias, para outros saberes, para outros caminhos, fazendo com que a escolha por certas linguagens seja um fator ativo e político na conformação da realidade em que co-habitamos.

Termo cunhado pelo filósofo, escritor e líder quilombola Antônio Bispo dos Santos

Plantar: para além do verbo, que confirma o ato de colocar sementes na terra, plantar está diretamente ligado à vida, à reprodução, aos ciclos e por isso, demanda silêncio, cuidado e reciprocidade em relação ao que a terra nos oferece.

Pitoresco: termo usado em registros de viajantes e que representavam o espaço colonial como “exóticos”, “excêntricos” e a população que ali habitava como “mansa”, exaltando a estética como ferramenta de manipulação e a serviço da violência colonial.

Pretoguês: incorporação de heranças linguísticas africanas no português falado no Brasil.

Termo cunhado pela antropóloga mineira Lélia González

[Q]

Quilombismo: sistema económico em que tudo o que envolve e se apresenta em um território – habitação, meios de produção, interação aos meios sociais e naturais e a própria natureza – são coletivos e estão disponíveis para que todos os modos de vida sejam assegurados de forma íntegra.

Termo cunhado pelo escritor, político e ativista paulistano Abdias Nascimento

[R]

Refugiado: segundo a definição, é aquele que vive fora de seu país de origem em função de perseguições, conflitos, violência generalizada ou violação de direitos humanos e que pode ou não querer retornar ao território nativo. Em muitos casos, pode-se somar as consequências coloniais, de continuidade de conflitos, de opressões, de escassez, de esgotamento de recursos, ou seja, de violências estruturais que fazem com que pessoas migrem, não mais sendo comercializadas em navios negreiros, mas segundo a mesma lógica opressiva.

Reparação histórica: processo que reconhece as atrocidades cometidas durante o período colonial e busca formas de compensação contemporaneamente, algumas delas a restituição de bens materiais, a reparação financeira e o reconhecimento de direitos fundamentais. Fala-se também da promoção da produção de conhecimento inclusivo, mas, na verdade, esses saberes todos existem e resistem e criaram seus próprios espaços para se fazerem escutados.

[S]

Saber circulante: saberes, práticas e oralidades que resistem aos efeitos do adestramento e da dominação colonial, de modo a englobar cosmo-percepções ancestrais no modo de fazer e pensar politicamente, culturalmente e ao que concerne a produção de conhecimento, sempre relacionados às interconexões, confluências e tempos espiralares.

Semear: plantar, germinar e cultivar conhecimentos que consolidam e asseguram outras visões de mundo que não coloniais.

[T]

Tribo: termo pejorativo que categoriza diversas comunidades tradicionais em um único grupo, sendo que seus costumes, valores, instituições, línguas e crenças são particulares.

[V]

Vernacular: do latim *vernaculus*, significa “próprio do país a que pertence, nacional” ou “escravo nascido em casa”. Ao se tratar da “arquitetura vernacular”, soma-se tudo o que é produzido para além do ocidente em um grande caldeirão, como se fossem pertencentes dessa única região e cujo passado é marcado pelas lógicas coloniais.

DIALÉTICAS**Envolvimento e desenvolvimento:**

se desenvolvimento é aquilo que separa o ser humano da terra, da natureza, que o aliena frente aos saberes ancestrais e ao próprio ritmo natural da vida, torna-se sinônimo de desconexão, de negação ao território, de ruptura com o original e identitário. Envolvimento, portanto, seria o oposto, a conexão, a identificação e a interação com os arredores, de modo que as relações sejam de respeito mútuo, com o outro, reconhecido em sua individualidade, com a natureza e com os ciclos intermitentes.

Conceitos cunhados pelo filósofo, escritor e líder quilombola Antônio Bispo dos Santos

Biointeração e desenvolvimento sustentável:

a biointeração coloca o ser humano em comunhão com a natureza, negando qualquer tipo de hierarquia ou separação entre eles, tudo é natureza e, portanto, as relações estabelecidas devem ser recíprocas para um habitar cíclico e recíproco. O desenvolvimento sustentável, por sua vez, coloca a natureza sob domínio da espécie humana, como se fossem entidades separadas e como se a natureza, ainda que resguardada, estivesse ao serviço das necessidades e demandas única e exclusivamente do ser humano.

Conceitos cunhados pelo filósofo, escritor e líder quilombola Antônio Bispo dos Santos

Confluência e coincidência:

coincidência seria um acontecimento em que o fato que o causou e o efeito reverberado por ele não teriam qualquer relação entre si, são independentes, enquanto a confluência seria uma energia que nos leva ao compartilhamento, a interdependência, ainda que momentânea, as relações que geram somas, que rendem, que ampliam.

Conceitos cunhados pelo filósofo, escritor e líder quilombola Antônio Bispo dos Santos

Saber orgânico e saber sintético:

orgânico é aquele que está integrado, no cotidiano, no território, na experiência em habitar individual e coletivamente, ou seja, é empírico, vem do corpo, das práticas, das transmissões entre áreas e gerações. Sintético, portanto, seria o oposto, conhecimento fragmentado, dissociado, linear, compartmentado em disciplinas

que não se aproximam, formalizado em instituições e fundamentado em informações e dados concretos.

Conceitos cunhados pelo filósofo, escritor e líder quilombola Antônio Bispo dos Santos

Cosmopercepção ou cosmosensação e cosmovisão:

o termo cosmovisão foi empregado pela primeira vez por Emmanuel Kant (*Crítica do Juízo*, IX, §26, 1790) e dizia respeito à “intuição do mundo como fenômeno”, uma forma de experimentar e interagir com a realidade fundamentada por uma rede de pensamentos, valores e crenças. Cosmopercepção, ou Cosmosensação, é sua tentativa contracolonial uma vez agrega as sensibilidades para além do continente europeu, da visão ocidentalizante e hegemônica, trazendo para o conceito de “visão de mundo” as dimensões humanas e de integração com a natureza.

Termo cunhado pelo professora nigeriana Oyerónké Oyewùmì

Transfluência e transporte:

enquanto a definição de transporte seria o mero deslocamento de pessoas, animais ou mercadorias, equiparados, por assim dizendo, tranfluência foi desenvolvida pelo filósofo, escritor e líder quilombola Antônio Bispo dos Santos para retratar que, ao passo que eram transportados corpos negros enquanto mercadorias nos navios negreiros, todo um conjunto de relações cósmicas, de memórias e sabedorias ancestrais vieram com essas pessoas, que carregavam também, vida.

Conceitos cunhados pelo filósofo, escritor e líder quilombola Antônio Bispo dos Santos

Troca e compartilhamento:

a lógica da troca, em que ambas as partes concordavam com as partes que estavam dando e recebendo, logo recebe a interferência de uma moeda, assim, passa-se a estabelecer valores para bens e serviços. O compartilhamento, por sua vez, exime a noção de propriedade, em que um pode ofertar ou mesmo dar valor, e assim, vive-se em comum com aquilo que o meio oferece.

Conceitos cunhados pelo filósofo, escritor e líder quilombola Antônio Bispo dos Santos

Caminhos e métodos:

método é um sistema para se atingir algum ponto, algum resultado, em que estão designados passos e procedimentos

até um objetivo e pode ser considerada uma perspectiva colonial e adestradora. Em contrapartida está o louvor às curvas e espirais, em que não há passos certos, procedimentos estáticos, mas uma redescoberta constante do caminhar e do próprio objetivo, então, horizonte. Em uma dança indígena, são considerados tanto os passos para frente quanto os passos para trás na possibilidade de fazer caminho.

Árvore e madeira: as árvores são seres dotados de vida, que participam dos ciclos terrestres, que se encontram com as profundezas das terras por suas raízes e pela volatilidade dos ares pelos seus galhos. No período colonial, as árvores perderam a instância de vida e se tornaram produtos, se tornaram madeira e, desde então, passamos a comercializar aquilo que é vida enquanto objeto, enquanto fim, enquanto algo que só quando extraído ganha valor.

Línguas e dialetos: uma língua é um sistema estruturado de comunicação, com regras gramaticais e vocabulário específico, já um dialeto é uma variação regional de uma língua, ou seja, são nuances como pequenas características próprias, adição ou retração de vocabulário, sotaque e até variações de construção gramatical. É comum serem designadas linguagens ancestrais como dialeto, ainda que sejam línguas, só porque foram minadas pelo período colonial. Também é comum, entre as ex-colônias, o debate entre todas as versões da língua portuguesa que são atualmente faladas e que já se diferem a ponto de se tornarem outras.

Florestania e cidadania: a cidadania é um conjunto de direitos e deveres que uma pessoa que habita o contexto urbano vive sob, já a florestania busca garantir que, uma vez reconhecido o habitar nas matas e florestas, seja advindo também respectivo reconhecimento quanto aos direitos e deveres que essas pessoas já vivem sob e que são distintos daqueles praticados na urbe.

Termo cunhado pelo ambientalista, filósofo e líder comunitário brasileiro Ailton Krenak

Diversais e iguais: diversos seria o reconhecimento da individualidade de cada ser perante ao coletivo e que, nem por isso, carrega em si maior ou menor valor, enquanto iguais seria a

negação do que é real, de que cada ser é um, colocando todos sob a mesma categoria ilusória de equidade de oportunidades e direitos.

Conceitos cunhados pelo filósofo, escritor e líder quilombola Antônio Bispo dos Santos

Enterrar e desenterrar: Enterrar é uma proposta conceptual que descreve uma prática política, de fazer-terra. Neste sentido, não se refere a uma ação de sepultamento ou esquecimento, mas sim a um processo activo e germinante de adentramento, reconexão, enraizamento e envolvimento com a terra, esta entendida como corpo vivo e senciente, um locus de gestação e elaboração prenhe de memórias transgeracionais. Desenterrar é o gesto oposto, um ato de violência epistémica e ontológica. Trata-se de uma prática neocolonial de tomada e arrancamento dos corpos da terra e do seu sentido. O objetivo é tornar visível para mapear e controlar, iluminar para expor, catalogar e esvaziar. Se enterrar é uma forma de fazer-terra, desenterrar é um processo de des-territorialização, que passa pelo desmatamento, dissecação e rompimento das raízes.

Integração e altericídio: integração seria o processo de unir distintos indivíduos ou mesmo grupos em um coletivo coeso, de modo a encontrar formas harmônicas de se coexistir, não só reconhecendo como valorizando as diferenças. Altericídio, por sua vez, é a incapacidade de reconhecer no outro sua individualidade e diferença, suas experiências próprias, valores e perspectivas e, por isso, para conformar-se em coletivo, homogeneiza e nega as particularidades.

Associação Cultural Nonada Jornalismo (2024). *Glossário do pensamento contracolonial*. Porto Alegre: Nonada.

Bispo dos Santos, Antônio (2023). *A terra dá, a terra quer*. São Paulo: Ubu Editora/ Piseagrama.

Krenak, Ailton (2022). *Futuro ancestral*. São Paulo: Companhia das Letras.

Martins, Leda Maria (2021). *Performances do tempo espiralar*. Rio de Janeiro: Cobogó.
Oyéwùmí, Oyéronké (2016). *Matrilinearity: iyá in philosophical concepts and sociopolitical institutions. What Gender is Motherhood?*. Nova Iorque: Palgrave Macmillan, 3, p. 57-92.

Decolonizing: Glossário decolonial (2017) site disponível em <https://decoloniais.com/glossario/>